TL1329-41

V JORNADAS DE TIMOR DAUP

JÚLIA ALVES

TIMOR LESTE
ASPECTOS SOCIO-CULTURAIS E DEMOGRAFICOS
JFA

1. Dados sobre a populaçao maubere - o genocidio

MAIO de 1975 ------ 688.769 Habitantes
202.850 Catolicos
17.462 Catecumenos
460.412 Animistas
5.660 Budistas
2.550 Protestantes
135 Muçulmanos

JANEIRO 1980 ------ 550.000 - Cifras oficiais indonésias
425.000 - Cifras eclesiasticas
334.414 - Relatorio militar secreto
Segundo este relatorio militar secreto, os catolicos seriam 255.414; os animistas seriam 69.019, os protestantes 3.070 e os muçulmanos seriam 1.907. Nao ha dados sobre os budistas na sua totalidade chineses.

A populaç~ao vitima da guerra durante os primeiros cinco anos da invas~ao seria portanto de cerca de 351.356 pessoas. As causas desta catatrofe foram os combates, a fome, doenças, malnutriç~ao (em muitos casos estas situaç~oes foram criadas dentro dos planos da estrategia invasora), torturas fisicas e psicologicas nas prisoes e campos de concentraç~ao. Os combates que tiveram lugar entre 11 de Agosto e 20 de Setembro entre as forças da F e da UDT ter~ao feito num maximo pessimista, cerca de 3.000 mortos.

JANEIRO 1985 ------ 570.000 - Cifras oficiais indonésias, utilizadas também pela igreja. E todavia necessario subtrair desta soma um total de 50.000 a 80.000 civis e militares da ocupaç~ao indonésia presentes no territorio nacional.

JANEIRO 1990 ------ 657.000 - Cifras oficiais indonésias. Cifras eclesiasticas estao inclinadas a confirmar estes dados, com a subtracçao de cerca de mais de 100.000 indonésios presentes em Timor Leste. As cifras indonésias incluem os indonesios.

Analise: Houve um pequeno crescimento populacional continuamente contrastado pela dizimaçao do povo maubere atraves de formas diversas: fome provocada, combates, doenças, torturas, perseguiç~ao de suspeitos activos da guerrilha nacionalista. Os velhos e as crianças das zonas rurais s~ao de um modo particular as vitimas das pessimas condiçoes de vida que reina no territorio. A esterilizaç~ao forçada limita o crescimento proporcionalnal dum modo mais directo. Numa palavra, é um genocidio organizado, do

interesse de Jacarta. A marginalizaç~ao dos timores da vida publica, tanto dos meios de decis~ao como de acç~ao economicos contribui largamente para o empobrecimento e o enfraquecimento global das potencialidades humanas timores, enquanto as riquezas naturais s~ao exploradas pelos invasores.

Desnecessario acrescentar que a violaç~ao dos direitos humanos constitui acç~ao programatica do governo invasor.

Além destes dados que concernem os timores em Timor Leste, n~ao existem dados muito claros sobre os timores na diaspora. Fala-se de mais de 20.000. espalhados pela Australia. Portugal e outros paises. nomeadamente Moçambique.

2. TIPIFICA~CAO

A familia timorense é estruturalmente uma "grande familia", caracteristicamente aberta e voltada para o parentesco. em base ao "suco", à linhagem, em base à contracçao de casamentos eem base à simples solidariedade interfamiliar ou interhumana. Este ultimo é o caso dos que s~ao adoptados. simplesmente porque s~ao por exemplo crianças sem pais. Oimportante é que s~ao EMA s~ao GENTE, s~ao PESSOA.

A familia grande engloba todos os que directamente em base ao sangue sao membros natos e os que lhe est~ao ligados por qualquer raz~ao. S~ao "MALUQ".

Nessa grande familia existem obviamente "hierarquias" informais informalmente reconhecidas. Os filhos de sangue directos e legitimos "s~ao mais" do que os outros. mas isto n~ao significa secundarizar os outros: simplesmente se constitui assim ume certa "estrutura" informal de hierarquias internas na familia. o que é importante para o futuro da familia, o chefe, as heranças, as possess~oes, etc., que ter~ao de estar submetidas a um centro. Este centro (geralmente os filhos do nucleo) garante a existencia e a continuidade da "grande familia".

Esta estrutura insere-se perfeitamente no sistema cultural global do Timor Leste. Todavia hoje este sistema esta atravessando uma transiç~ao complexa. existe de certa forma uma crescente tendencia a privilegiar a familia nuclear. Isso implica a diminuiç~ao do sentido de solidariedade humana, o crescimento do "carreirismo" na sociedade e o egoismo que dai nasce - factos estes agentes insuspeitos de desintegraç~ao dos elos de consciência de grupo e de povo. facilitando assim o trabalho de quem esta interessado na dominaç~ao de Timor Leste.

3. RELACOES SOCIAIS ENTRE OS MEMBROS DA FAMILIA

Pensamos no discurso interno da familia e no seu processo de socializaç~ao interno. Por socializaç~ao entendemos o processo

que exactamente começa no seio da familia; orientado para a sociedade maior, em vista de uma participaç~ao futura, caracterizada pela responsabilidade e pela autonomia, na moldagem da sua sociedade, em base a criterios comuns aceites, ideais comuns de realizaç~ao da sociedade, e por meios legitimos de atingir os objectivos.

a. Constatamos antes de mais nada a verticalidade das relaç~oes pais-filhos, velhos-novos. E uma exigencia estrutural da cultura que se configura a partir da vis~ao fisica do universo (relaç~ao terra-firmamento) e enraizada num sistema de transmiss~ao historico-linear da cultura.

Esta estrutura sai reforçada nas suas consequencias socio-economicas. A actividade economica gira em torno do nucleo e em funç~ao do nucleo familiar (n~ao se justifica uma actividade economica meramente individualista nos objectivos). Os jovens ate um certo tempo nao s~ao auto-suficientes para se "libertarem" da tutela vertical (que por outro lado eles aceitam, na sua estrutura interna mesma, os jovens vivem o mesmo esquema - quando eles forem crescidos far~ao o mesmo)!

Ainda que fossem auto-suficientes, a cultura dificultaria social e psicologicamente a "fuga" desse sistema, em fim de contas, um sistema "benévolo" que apoia a actuaç~ao humana dentro de uma plataforma historico-cultural orientada para beneficio comunitario. Este beneficio comunitario significa também beneficio individual.

Nesta verticalidade constata-se facilmente a hierarquia e a distribuiç~ao de funç~oes entre velhos e novos, entre homens e mulheres. Por exemplo os mais velhos devem ter sempre o primeiro lugar (no FALAR e no AGIR e no ESTAR, porque também no SER se sup~oe que eles têm o primeiro lugar). Esta hierarquizaç~ao de estados (status) e funç~oes é aceite universalmente pelos timores. Sua invers~ao seria o caos, para o qual n~ao estao preparados, e creio que nisso também n~ao est~ao interessados os timores. Mesmo os jovens aspiram um dia a ser o que hoje os velhos s~ao, o que significa que os jovens assimilaram "bem" a cultura, neste caso concreto.

Constata-se também os polos de relaç~ao: pais-filhos ou velhos-novos e homens-mulheres. Isto implica a horizontalidade das relaç~oes, e que completa a realizaç~ao da vis~ao do universo, no microcosmo familiar. Porque nesta horizontalidade é que os filhos s~ao projectados para o ABAN BAINRUA, o amanh~a, que se prepara a partir do PRESENTE, ohin. Os filhos s~ao o prolongamento, a perpetuaç~ao dos pais e do presente. S~ao a auto-projecç~ao do homem timorense que assim resiste ao tempo e sobrevive a morte fisica.

Esta é uma filosofia da historia timor, profundamente vivida pelos mauberes, na sua dimens~ao de passado, presente

efuturo, visionados como um todo projectual. E é uma historia n~ao so entendida como evento ou curso de eventos, mas sobretudo como criaç~ao de eventos, para serem narrados, em longas noites frias, à lareira ou em noites de festa a batuque.

O Homem decide a historia de amanha, e os filhos, os jovens s~ao a realizaç~ao desse projecto historico-religioso, porque mesmo o acto sexual é visto dentro deste esquema vertical-horizontal, em que o firmamento quase se identifica com o divino, e nesse esquema o acto sexual é um rito sagrado.

A relaç~ao e a socializaç~ao interna da familia baseia-se nessa concepç~ao da historia e do mundo. Uma simples analise filosofica a partir do ponto de vista linguistico comprovaria estas asserç~oes. A Familia (UMA CAIN: aqui a familia é identificada com a CASA, enquanto edificio, e dai a importancia da casa-edificio tanto para a "familia grande" como para a familia "nuclear, cada casal) - prepara os filhos para a socializaç~ao maior e mais alargada na sociedade: "SAI EMA" -SER GENTE,SER PESSOA - é este no fundo o grande projecto historico timorense: obra COMUM de geraç~oes que est~ao em contacto numa mesma familia. Numa mesma familia existem pelo menos tres diferentes geraç~oes vivas em contacto.

4. CARACTERISTICAS CULTURAIS

Em linhas gerais e dentro dos limites fixados deste trabalho, dividiremos as caracteristicas em dois grandes campos qualitativos culturais: a cultura popular, tradicional, nacional maubere, que existiu desde sempre e se foi desenvolvendo ao longo dos séculos ao contacto com outras culturas, sofrendo por isso reafirmaç~oes positivas e ao mesmo tempo desgastes internos: e a cultura externa portuguesa identificada com a religi~ao crist~a.

Timor Leste n~ao sofreu significativa influencia islâmica. A meia lua do "caibauc" n~ao pode ser invocada como prova da influencia islâmica: ela provém directamente da filosofia existencial e da vis~ao cosmica timorense, onde os elementos naturais tem seu lugar definido e ao mesmo tempo definidor do microcosmo humano.

Essas duas componentes caracteristicas da cultura maubere tiveram um relacionamento silenciosamente dificil ao longo dos séculos. Dificil porque foi um mutuo assimilar-se por força das circunstancias. A religi~ao crist~a jogou um papel determinante para essa "mutua" assimilaç~ao.

Entre os diversos factores e determinantes historicos que coagularam para dar fruto a essa "mutua assimilaç~ao" é de importancia decisiva o da educaç~ao. Vamos deixar de lado outros factores para nos concentrarmos sobre este da educaç~ao.

Os "alfabetizados" - fruto das escolas - sempre se sentiram. e eram-no de facto - um grupo tirado pela sorte, à parte. Com o tempo ja faziam parte da élite colonial, mais ou menos arrancados da sua terra psicologica e das suas raizes culturais. Faziam parte do corpo dos dominadores, em virtude de seu "saber".

Os "analfabetos" (que todavia possuem um imenso "saber", incomparavelmente superior em qualidade humana e existencial ao da "elite nativa") formam a grande maioria, ate ha poucos anos. Para desgraça comum, a minoria "letrada" assumiu o controle dos destinos da comunidade. Para desgraça, porque afinal quem detia a genuina cultura timor eram os "analfabetos", que assim percebem muito mais profundamente os anseios e as esperanças. No minimo eles teriam de ser integrados no processo de decis~ao. Com toda a carga da cultura oral, rica de simbolo e estrutura, vis~ao e conteudo, velha de seculos de historia vivida no real contexto da ilha de TIMOR LORO SA'E - eles ficaram todavia à margem do processo que se desencadeou em 1975. No maximo eles foram manipulados.

Felizmente esta camada esta a retomar fôlego e a reganhar seu espaço de decis~ao na luta pela sobrevivência historica, cultural e politica do homem timorense. O perigo de manipulaç~ao dessa fonte de legitimaç~ao das realidades culturais e politicas é como nunca foi, muito mais desgastante.

5. TRADIC~AO, REPRODUC~AO CULTURAL (?)

Em base a tudo quanto foi dito. facilmente se deve constatar que tradiç~ao e ou reproduç~ao cultural é um processo inerente e intrinseco aoproprio sistema cultural. O processo da tradiç~ao que é comunicaç~ao de geraç~ao a geraç~ao de valores e atitudes, projectos e objectivos historicos ou metahistoricos é um processo que se realiza segundo leis derivantes do proprio sistema cultural. A cultura timor assegura o seu futuro através dum processo culturalmente timorense, n~ao auto-suficiente mas autonomo.

A transmiss~ao da cultura ou tradiç~ao (LISAN) é um processo que se desenrola a partir da familia, onde se encontramtodos os elementos que comp~oe o universo cultural nacional maubere - em continuo desenvolvimento atraves da adaptaç~ao historica. Tradiç~ao n~ao é uma "coisa" estatica: "a tradiç~ao" n~ao é "o lenço" ou "lafatic". Tradiç~ao é todo um processo ou dinâmica. Ao mesmo tempo tradiç~ao é também o conteudo desse processo.

Alguns elementos-conteudo desse processo:

a. Ligaç~ao ao suco de origem e automaticamente ligaç~ao ao Uma Lulic do suco de origem.

b. Ligaç~ao à Terra (RAI), com toda a sua carga emotiva, existencial, fisica, humana. Terra é m~ae, é irm~a. A afinidade linguistica de RAN e RAI insinua uma profunda implicabilidade entre o homem e a terra.

c. Ligaç~ao ao divino, em todas as suas formas. O Uma Lulic citado na alinea a) é a materializaç~ao da PRESENçA divina entre os homens, o elo de ligaç~ao entre a terra e o além.

Estes três elos ou ligaç~oes constituem o universo cultural individual ou comunitario de cada timorense. Estes tres elementos incarnam-se profundamente na cultura timorense que é cultura agraria também, ao longo do ciclo anual da natureza. Mesmo em timorenses "formados num ambiente industrial sofisticado", constata-se facilmente o "agrario" nas suas atitudes e nos seus esquemas sofisticados. O homem envolvido por "casacos ocidentais" é na mesma o maubere das montanhas de Timor Leste. E um facto que simplesmente se deve aceitar, tal como cada homem ou cada mulher deve aceitar-se como homem ou mulher tal como nasceu. N~ao reconhecendo isso, teriamos muitas quest~oes a fazer.

Ligaç~ao ao suco implica ligaç~ao aos antepassados presentes também na UMA LULIC. Implica além disso a preparaç~ao do futuro comunitario. Cada homem timorense é todo o povo timorense. POr isso os filhos e os jovens s~ao orientados para o ABAN BAINRUA através da narraç~ao dos MITOS, LENDAS, através dos RITOS, da MUSICA, do HANANU, do DAHUR, da LIA, do silêncio do sofrimento secular que deve ser continuamente vencido dia apos dia na historia.

6. FESTAS e CELEBRAç~OES

Cada festa é um acontecimento extraordinario, é oportunidade rara (hoje ha tanta festa que se perdeu o sentido da "festa" no verdadeiro sentido da palavra) de auto-manifestaç~ao pessoal e comunitaria (hoje as pessoas v~ao às festas mais como espectadores do que como participantes plenos). Festa tem funç~ao social de grande alcance, decisivos para a transformaç~ao, defesa e promoç~ao da cultura como tal. Toda a festa é uma combinaç~ao de LIA (palavra) e SILENCIO, de CORPO e ALMA, de INTERIORIDADE e EXTERIORIDADE, de seriedade dos LIA NA'IN que FALAM e ESCUTAM, e da expansividade alegre do TEBE DAI e do DAHUR.

Em principio a festa é "festa" à volta da LIA: CO'A LIA é cortar a palavra em dois, isto é conversar, dialogar, discutir, negociar. Isto implica que é necessario ser verdadeiros, sinceros, para que as duas metades se possam encaixar e assim chegar a acordo. Na Palavra se encontram os homens. A VERDADE éum elemento importante do discurso, do falar humano. Quando a falsidade entra no jogo, o relacionamento deixa de ser humano, porque ent~ao a violencia entra no ambiente, o caos toma o lugar da ordem e os

homens estao cosmicamente separados. Porque quem mente, usa inexoravelmente a violencia, em todas as suas formas.

• TECI LIA, HALO LIA s~ao outros exemplos da centralidade da LIA na festa que é celebraç~ao da vida. LIA congrega à volta de motivos de alegria ou mesmo de tristeza e apenas de esperança. A morte é uma LIA (iha mate uman); a iniciaç~ao das crianças é uma LIA; a sementeira é uma LIA; uma casa nova é uma LIA; a colheita que precede o SAMA HARE é UMA LIA.

A LIA é portanto fonte e produto da cultura timorense, CULTURA DA LIA, cultura oral extraordinariamente rica de detalhes psicologicos, simbolicos e morfologicos estruturalmente enraizados na alma timorense.

Hoje a feste tomou novas formas, derivadas algumas desta concepç~ao de festa, legitimas portanto, outras s~ao pura e simplesmente ilegitmas e estranhas ao ambiente cultural timorense.

O baptismo, o noivado, o casamento, barlaqui, e no fim a morte - s~ao exemplos de festa. Mesmo a "morte" é uma festa, na medida em que cumpre a sua funç~ao social de reagrupar os homens do cl~a em solidariedade em torno dos valores comuns. Hoje temos também o Natal e a Pascoa. Haveria muito a dizer sobre estas duas festas, mas n~ao é aqui o lugar.

7. ASPECTOS SOCIO-JURIDICOS

Obviamente a quest~ao juridica tradicional entra no quadro da cultura tradicional. Como exemplo, na estrutura cultural tradicional, para os casos de litigio, existe o conselho dos CATUAS, ou a instancia singular de um so CATUAS patriarcal ou de uma FERIQ matriarcal.

Isto ainda hoje é valido, mas o seu campo de acç~ao esta sendo cada vez mais limitado pela socializaç~ao da sociedade técnica. Os policias, e depois um tribunal onde tudo é "anonimo" diante da poderosa "lei" objectiva e nao menos majestatica. Os tempos s~ao outros.
Um estudo da quest~ao seria extremamente interessante.

8. CARACTERIZAC~AO RELIGIOSA

1. Os catolicos formam a maioria da populaç~ao, uma maioria apressada pela guerra. N~ao é questo aqui de apreciarmos as quest~oes pessoais e subjectivas da ades~ao. Tratamo-lo comofenomeno social, baseados em dados estatisticos.

Esta maioria deixa grandes quest~oes quanto à qualidade desse

reforço do "bloco catolico". Esta maioria é oriunda dum animismo consciente e profundo, historicamente "sereno no seu territorio". Mesmo supondo profundas motivaç~oes na adesao em bloco ao cristianismo destes ultimos anos, continua de pé o questionamento em relaç~ao ao sincretismo religioso. Animismo e cristianismo cohabitaram durante séculos. O sistema missionario português que também nunca foi agressivo em Timor Leste - no sentido de arrebanhar legi~oes (concretizado no longo tempo de catequese, nas "duras provas",etc., - facilitou a manutenç~ao do status quo religioso da ilha, esperando simplesmente uma transformaç~ao cultural interna que seria provocada pela educaç~ao formal,na qual estavam profundamente engajados os missionarios.

Ao que parece, animismo e cristianismo continuam a cohabitar, n~ao como antigamente, como duas entidades separadas, mas hoje - mais problematico e profundo o sincretismo! - como uma mistura de valores numa reconciliaç~ao interna de duas entidades e identidades reunidas. Ambos afinal propoe e garantem uma "procurada protecç~ao", concretamente executada pelas estruturas da religi~ao catolica - contra a opress~ao fisica e psicologica. religiosa e politica da invasa~ao e ocupaç~ao militar indonésias, para sermos concretos.

E necessario portanto reconhecer o grande papel e o peso dos sacerdotes catolicos timores, como individuos e como corpo eclesial, para a defesa do povo e dos valores nacionais, da identidade religiosa e nacional, da cultura maubere, sobre a qual a igreja catolica esta construindo uma inculturaç~ao religiosa e portanto politica.

b. O protestantismo e o islamismo sempre foram minorias "estrangeiras" em Timor Leste. Hoje mais do que antes, esta~ao conotados com a integraç~ao da qual s~ao famosos defensores, em base a mesma religiao que os une à massa dos invasores. estas duas instituiç~oes jogam um papel anti-cultural em relaç~ao ao povo maubere no plano macro-social das forças em jogo no campo politico-religioso.

9. AS CRIANCAS TIMORES E A CULTURA

Todos est~ao de acordo que as crianças de hoje s~ao o amanh~a, e que esse amanh~a depende da qualidade das crianças de hoje, que devem ser adequadamente preparadas para assumir as suas responsabilidades na sociedade timorense de amanh~a.

Mas a situaç~ao radiografica so muito prudentemente pode ser optimista. Em Timor Leste as escolas estao totalmente controladas pelo aparelho da ocupaç~ao militar estrangeira. Nem as escolas da Igreja escapam à regra; apenas uma escola mantém estruturas "nacionais". Obviamente o objectivo das estruturas

indonésias é a indonesianizaç~ao e com isso a eliminaç~ao duma cultura, orgulhosa de si mesma, autonoma e portanto nacionalista.

A baixa qualidade do ensino, a quase totalidade de professores indonésios, a ausencia das minimas infraestruturas necessarias como livros, deixa entrever o "projecto" de enfraquecimento intelectual que precede sempre a aceitaç~ao livre da escravizaç~ao nas suas varias formas. Por outro lado, a total falta de liberdade. a repress~ao indonésia é um antidoto oferecido à resistencia nacional dos estudantes para reagirem com espirito nacionalista à manobra educacional.

A unidade da massa estudantil com a massa popular é a base da resistencia cultural e politica maubere. A aposta no interior do territorio é na consciência nacional das massas populares dos pés descalços das montanhas que fornecem à Juventude as razoes da luta e os fundamentos do futuro.

Em base nisto também a Igreja desenvolve seu papel de defensora dos direitos e da identidade nacional timor: so enraizada no Povo ela podera cumprir a sua miss~ao de defensora do povo e do homem em TIMOR LESTE. A Missa em TETUM é um desses esforços de conjugar o futuro com a realidades dos pés descalços do povo real de TIMOR LESTE.

Na diaspora a situaç~ao é outra, obviamente. Muitos vieram na debandada geral e desorganizada do "salve-se quem puder". Outros vieram depois de anos de espera dum salvo-conduto oficial. Outros organizaram a sua propria aventura. Mas todos vieram para "escapar" à situaç~ao, com objectivos diversos: recomeçar nova vida em paz, esperando com ou sem convicç~ao um eventual regresso ao pais; outros vieram para "transmitir ao mundo as esperanças do povo maubere", "denunciar o crime indonésio", "comunicar o sofrimento do povo", etc.; outros vieram para tudo isso, e para dar boa formaç~ao intelectual aos seus filhos, esperando regressar ou mesmo sem esperar regressar. Outros vieram porque muitos vinham embora, e estao na mesma contentes, porque "isto aqui é obviamente melhor do que estar a fugir dum lado para outro".

Refugiados, todos vieram para se "protegerem" da presente opress~ao indonésia. Exilados politicos, talvez ninguém! Outros s~ao mesmo fugitivos, com cargas pesadas na consciência!

Os que n~ao vieram, continuam na zona do conflito, onde também se desenrola a batalha cultural. N~ao queriam sair? Ou n~ao havia nenhuma probabilidade nem possibilidade de sairem econseguirem "fazer a vida" fora? De facto, os que ficaram s~ao os "fracos" economica e intelectualmente. Isto é um pouco a fuga dos "cérebros".

Em principio n~ao é saindo que se defende a propria cultura, sobretudo numa situaç~ao destas. Foi bem portanto que a maioria do

povo ainda esta em Timor Leste. O peixe morre se sai da agua. Portantoos que ficaram s~ao a garantia da continuidade de existencia da cultura timorense, no seu contexto original. Quando um dia os que sairam para o estrangeiro voltarem ao seu pais, eles encontrar~ao a cultura timor que os pés descalços salvaram. Permanecendo e pagando o preço da cultura e da identidade nacional com o seu suor e sangue quotidiano numa luta desigual contra um inimigo superiormente forte que o humilha todos os dias, o povo que ficou garante a cultura nacional.

A cultura é ligada à terra, ao meio ambiente que é determinado e modelado pelos que o habitam e o preservam de certo modo contra as intempéries da historia.

Os que est~ao fora trazem no seu SER a cultura nacional timorense. Por isso mesmo existe elo de ligaç~ao com o pais, e de varias formas se promovem actividades culturais e politicas para a libertaç~ao da patria ocupada, da terra amada.

Por outro lado, é tempo de nos interrogarmos sobre a profundidade desses elos ou ligaç~oes. Justificadamente, a preocupaç~ao de quem chega aoexterior, é a "cultura do imediato": casa, emprego, estudos, dinheiro, e ADAPTAC~AO. Mas operigo real é que pouco a pouco esquecem-se do que ficou para tras. E aos poucos "engolem" a "cultura do lugar", e parece ent~ao que a cultura da origem "ficou para tras", é "atra-sada". Aos "lirios" que acabam de chegar, eles consolam dizendo :"Has-de habituar-te, daqui a nada esqueces, e ent~ao entenderas: nos assim agimos, tu também assim agiràs". Conjugam o verbo SER so no presente, sem passado e sem futuro. Isto acontece no campo dos costumes, dos valores, das atitudes, dos projectos, enfim, no campo da cultura. E, adeus cultura timorense, reduzida a alguns bailes "adaptados", aportuguesados (?), ou tebes desvirtuados, sem a carga existencial que lhes é intrinseca, ou ainda, reduzida a alguns "pratos tipicos"! Para tras ficou a genuina cultura timor!

Esta situaç~ao é uma situaç~ao tragica, de consequencias humanas e politicas de grande alcance.

A manifestaç~ao dos jovens do dia 7 de Dezembro de 1990 em Lisboa, aliando assim esforços aos feitos pelos timores na Australia ao longo dos anos, marca um inicio novo, raz~ao de esperanças fundadas. A dura experiencia do passado n~ao pode ficar so lembrança para ser narrada com ênfase nos aspectos comicos. E preciso ideal e remotivaç~ao continua. A desmotivaç~ao provocada pela falta de pertinência à realidade é um perigo fatal para a cultura e portanto para a sua componente politica.Por isso é preciso ideal forte, porque quem sabe aonde chegar pode bem mais. Por isso o povo Maubere grita "A luta continua". A resposta ao refr~ao n~ao pode ser "a derrota é certa"! Sem ideal, o homem vegeta na estirilidade humana epolitico-cultural. Para isso é necessario lutar pelas condiç~oes em que os ideais validos e justos

possam crescer e desenvolver-se.

Diante deste quadro radiografico realista e cheio de esperança, que fazer?

1. As Familias tem um papel decisivo na formaç~ao do futuro da cultura e da politica timorenses: preparando-os intelectualmente e humanamente para responsabilidades no ambito da terra de origem. Ha tempo para o "n~ao te metas nisso"; ha tempo para o engajamento social, cultural-religioso e politico dentro das condiçoes normais do exercicio da liberdade e da responsabilidade da participaç~ao.

2. O minimo para se exigir dos partidos politicos dignos desse nome, é fornecerem uma vis~ao cultural e historico-politica da realidade capazes de darem raz~ao de ser a diversos tipos de engajamento socio-politico. A responsabilidade de politicos deve produzir ao menos isto.

Essa vis~ao portanto so sera operacional e eficaz sehouver participaç~ao e abertura, como condiç~oes imprescindiveis para o relacionamento cultural, porque cultura é dialogo. Sem dialogo n~ao ha cultura, nem politica. Ent~ao é so a cultura da contra-cultura, a cultura da auto-destruiç~ao concretizada na destruiç~ao dos proximos.

A verdadeira promoç~ao da cultura para defesa do povo n~ao é reduzivel à "promoç~ao teatral" esporadica em palco. Promoç~ao sup~oe vis~ao da historia e do mundo, sup~oe dinamica social e politica que penetre os campos de actividade (escola, emprego) dos actores-autores dessa cultura.

3. Os velhos e os jovens, as Mulheres e os Homens timorenses devem convergir para a participaç~ao cultural na cultura timorense da diaspora. Os espaços existentes devem ser abertos a todos, para todos em comum recriarem e reactualizarem momento a momento a cultura da longinqua RAI TIMOR LORO SA'E.

Juntos poder~ao FALAR em TETUM. Começar~ao a SER timores no FALAR para o SER no AGIR. A partir dessa identidade reforçada, havera uma verdadeira integraço autonoma ao meio onde vivem. Sen~ao seria so adaptaç~ao sinonimo de escravizaç~ao mental,alienaç~ao e talvez depois viesse a frustraç~ao e a infelicidade.

A partir dessa identidade os timores poder~ao ser verdadeiros actores na cena internacional, em defesa do grande projecto historico nacional maubere: UCUN RASIC AN para RAI TIMOR LORO SA'E.

Nessa optica transcreveremos aqui extractos da mensagem do Comandante-em-Chefe das Forças Armadas da Libertaç~ao Nacional, JOSE KAIRALA XANANA GUSM~AO, membro do Conselho Nacional da Resistência Maubere (CNRM) sediado nas montanhas de TIMOR LESTE.

"Jovens estudantes de Timor Leste. Filhos mui queridos do Povo Maubere. E com profunda emoçˆao que me dirijo a vos. Acompanhamos com o sangue fervendo nas nossas veias a vossa decidida acçˆao de 12 de Outubro...No mesmo dia gritamos também aos ventos da patria maubere, que aceitamos mais uma vez ser exterminados abraçando o solo sagrado que alimentou geraçˆoes, e afirmamos também mais uma vez que, preferimos morrer mil vezes, a aceitar a cruel e vandalica escravidˆao indonésia.

Como ja vos disse ha tempos, queridos jovens, vos sois o futuro, e, mais do que nunca estamos certos, profundamente convictos de que o futuro é nosso, é vosso. Nˆao havera força no mundo que ouse medir força com a inquebrantavel vontade de lutar dos filhos de Timor Leste. Nˆao havera força no mundo que ouse esmagar a inquebrantavel vontade de vencer dos filhos de Timor Leste.

A nossa patria nˆao morrera jamais, enquanto tiver filhos que a saibam honrar. O nosso povo nˆao morrera jamais, enquanto tiver filhos decididos a lutar. Sejam quais forem os condicionalismos dos tempos, seja qual for o poderio dos interesses, sabemos hoje, queridos jovens, mais do que nunca que nada apagara a consciencia patriotica maubere, que nada esmagara o ideal sagrado da libertaçˆao. Enquanto a humanidade existir sobre a face da terra, o ventre sagrado da mulher TIMOR gerara lutadores da Patria, gerara combatentes da liberdade, determinados a honrar com o proprio sangue as aspiraçˆoes sagradas dos ancestrais.

Mulher Timor, aprisionada nas algemas da tua propria infelicidade! Mulher Timor, subjugada na repressˆao cruel da tua personalidade! Mulher Timor, que és obrigada a parir filhos da opressˆao indonésia! Mulher Timor, espancada, despida, violada e abandonada nas hortas e nos acampamentos indonésios! Mulher Timor, enfrentas a fraqueza da tua propria fraqueza! Toma ânimo e continua gritando connosco as armas da guerra! Grita como também gritaste o grito, o hino da liberdade!

Mulher Timor, que foste presa! Companheira, que foste espancada! Irmˆa, que também soubeste gritar pela liberdade! Mˆae, que também soubeste marchar ao encontro da morte!

Mulher Timor, depositaria do berço maubere, que também soubeste honrar a tua missˆao de perpetuar este sangue maubere! Para ti e para vos todas, as nossas lagrimas sˆao o nosso sangue, as tuas lagrimas sˆao também o nosso sangue, a tua dor é a nossa luta, porque a tua determinaçˆao é a nossa propria resistência.

Queridos jovens, soubestes honrar a Patria, soubestes honrar os vossos Pais, os vossos antepassados. Soubestes também honrar "ita nia fatuc ho rai, uma ho ahi", soubestes ser sobretudo vos mesmos, verdadeiros filhos deste povo, violenta e eternamente oprimido.

Os nossos antepassados ja morreram, os nossos pais ja

morreram. Nos vamos morrendo. Vos morrereis um dia. Os anseios, as aspiraç~oes que correm nas nossas veias permanecerao eternas...Somente quando Ramelau e Matebian se afundarem nas profundezas do oceano, o mundo podera dizer que os anseios do povo maubere foram definitivamente sufocados!...

Queridos jovens, falamos uns aos outros invadidos de imensa dor que enche os nossos coraç~oes depatriotas nestas brutais invas~oes de toda a ordem. Falamos uns aos outros pela linguagem da luta, do sofrimento, pois a luta ferve nas nossas veias, pois na nossa carne corre o sangue maubere. E o sangue maubere é opreço dos nossos anseios, opreço da nossa liberdade. Nos, opovo maubere, nunca venderemos a nossa liberdade e nem nunca venderemos a nossa terra a ninguém. Os nossos antepassados deixaram-nos o testamento sagrado e disseram: "Este é o nosso berço e este é também o nosso tumulo". "As sobrancelhas brancas é que disseram, as alvas c~as é que transmitiram, esta é a palmeira, esta é a terra, esta é a nossa patria".

E por ela que lutamos, queridos jovens, é por nos mesmos também que lutamos, queridos jovens!...Todo e qualquer povo tem o seu berço numa patria; Todo e qualquer povo tem o seu tumulo numa patria. E nela que todo e qualquer povo vive a sua liberdade e o seu direito.

...Nunca vacilaremos e ensinaremos também aos nossos filhos a n~ao vacilarem nunca, e preferirem sempre a morte a perder a liberdade, e aceitar sempre a morte para libertar a alma maubere.

Mui queridos jovens, sois a força do futuro, sois a esperança de amanh~a, sois o porvir de Timor Leste, sois o futuro da nossa Patria e o futuro de Timor Leste esta no vosso sangue...Vos todos fazeis parte de nos mesmos aqui no mato. Nos fazemos parte também de vos mesmos ai em Lecidere ou nas pris~oes. E abraçados, mesmo debaixo do solo sagrado da patria maubere, estamos juntos, estaremos juntos na vida ou na morte. Estamos juntos, estaremos sempre juntos na luta e pela liberdade.
So assim os nossos antepassados de Ulmera, Cova, Cotobaba, Cailaco, Manufahi, Laclo, Matebian, Lospalos que nos est~ao contemplando, sorrir~ao, porque estamos cumprindo o nosso dever.

Patria ou Morte!"

Resistir é Vencer!

Massi Shamaran

BIBLIOGRAFIA SOBRE TIMOR LESTE

1. ALMEIDA.Antonio de,"Das mutilacoes etnicas dos indigenas do Timor portugues" in Boletim Geral das Colonias,N.os 251-258,Lisboa 1946.

2. Idem,"Arts et metiers du Timor Portugais".Comptes Rendus du XXIV Congrés International des Orientalistes,Munique,1957.

3. Idem,"Notas sobre artes e oficios do Timor Portugues" in Garcia da Horta,Vol.7.N.o 3.Lisboa.1959.

4. Idem." O sal na etnologia do Timor Portugues" in Memôrias da Academia de Ciencias de Lisboa.tomo VIII.Lisboa.1960.

5. Idem, "Presenças culturais no Timor Portugues".in Colôquios sobre problemas humanos nas Regioes Tropicais,Junta de Investigaçoes do Ultramar,Lisboa, 1961.

6.Idem. "Folclore Timorense", in I Congresso de Etnografia e Folclore (Braga),Biblioteca Social e Corporativa,Vol.I.Lisboa.1963.

7. Idem."Da onomastica tabu no Timor Português - Antropônimos e zoônimos",in In Memoriam Antonio Jorge Dias. Instituto de Alta Cultura. Junta de Investigaçoes do Ultramar.Lisboa,1974.

8. Idem, "Das origens lendarias e mitológicas dos povos do Timor Portugûes" in Memorias da Academia das Ciências de Lisboa.

9. Idem."Antropônimos em nomes de lugares do Timor Português" in Memorias da Academia das Ciências de Lisboa,Tomo XVIII,Lisboa.1976.

10. Idem, "Contribuiçao para o estudo da toponimia do Timor Português" in Memorias da Academia das Ciencias de Lisboa.

11. CAMPAGNOLO,Marie-Olimpie Lameiras, "L'habitation des Fataluco de Lorehe",Sorbonne, 1975.

12. CLAMAGIRAND.Brigitte,"MAROBO:Organisation sociale et rites d'une communauté Ema de Timor".Université de Paris V. 1975.

13. BERTHE,Louis. "SEI-GUA: Itinéraire des Ancêtres. Mythes des Bunaq de Timor". CNRS.Paris.1975.

15. SA,Artur Basilio de, "Textos em Tetum da literatura Oral timorense",Lisboa.

16. FELGAS.H.A.Esteves,"Timor Português",Lisboa.1956.

17. MATOS,Artur Teodoro de. "Timor Português: 1515-1769",Lisboa.1974.

18. TEIXEIRA.P.Manuel, "Missoes de Timor",B.E.M.,Vol.X,MACAU,1974.

19. CAPELL,A.,"Peoples and languages of Timor" in OCEANIA.Vol.14(1944-1945),pp.191-219 et vol. 15,no.1(1944),pp.19-48.

20. BERTHE,L.,"La terre,l'au-dela et les themes maritimes chez les bunaq"in L'ETHNOGRAPHIE.1965.nouvelle serie,no.58-59.pp.72-87.

21. IDEM. Le Marriage par achat et la captation des gendres dans une societé semi-féodale:les bunaq de Timor central" in L'Homme.1963.III,1.pp.5-31.

22. ALMEIDA E CARMO,A.D.de,"O Povo Mambai",Instituto Superior de Ciencias Sociais e Politica Ultramarina,Lisboa, 1965.

23. CINATTI,R.,"A Pescaria de Be-Malai:Mito e Ritual" separata da revista GEOGRAPHICA 1.

24. PASCOAL.E.E.. "A Alma de Timor vista na sua fantasia",Braga,1967.

25. REGO,F.G.H.. "Alguns aspectos do direito privado costumeiro dos timorenses",Estudos politicos e Sociais.IV - 2,pp. 685-718.

26. RODRIGUES.J.B.. "O Rei de Nari: Historias.Lendas.Tradiçoes de Timor",Lisboa,Agencia Geral do Ultramar.1962.

27. DUNN.J.,"TIMOR: a people betrayed",The Jacaranda Press,Victoria,NSW,1983.

28. CATARINA.Frei Lucas de Santa, "Historia de S.Domingos" -Vol.IV, Lisboa,1767.(sobretudo os capitulos 2 e 3).